



ENTREVISTA

EDUCAÇÃO, LITERATURA E LIVROS: ENTREVISTA COM RODRIGO LACERDA

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

LACERDA, Rodrigo. Educação, literatura e livros: entrevista com Rodrigo Lacerda. Ana Maria Haddad Baptista; Marcia Fusaro. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 69, p. 1-7, e26727 abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n69.26727>

Entrevistado: Rodrigo Lacerda nasceu em 1969, no Rio de Janeiro. Escritor, tradutor e editor. É autor dos seguintes livros: *O mistério do leão rampante* (novela, 1995, prêmio Jabuti e prêmio Certas Palavras); *A dinâmica das larvas* (novela, 1996); *Fábulas para o séc. XXI* (livro infantil, 1998); *Tripé* (contos, 1999); *Vista do Rio* (romance, 2004, finalista dos prêmios Zaffari & Bourbon, Portugal Telecom e Jabuti); *O fazedor de velhos* (romance juvenil, 2008, prêmio da Biblioteca Nacional, prêmio Jabuti, prêmio da FNLIJ); *Outra vida* (romance, 2009, prêmio da Academia Brasileira de Letras, segundo lugar nos prêmios da Biblioteca Nacional e Portugal Telecom); *A república das abelhas* (romance, 2013, finalista dos prêmios Portugal Telecom e São Paulo 2014); *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* (juvenil, 2015, prêmio Jabuti); *Todo dia é dia de apocalipse* (juvenil, 2016, finalista do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA) e *Reserva Natural* (contos, 2018, prêmio da APCA, finalista dos prêmios Jabuti e Rio de Janeiro de Literatura). Mais recentemente, lançou *O Fazedor de Velhos 5.0* (juvenil, 2020). Como tradutor, verteu para o português autores como William Faulkner, Alexandre Dumas, Raymond Carver, H.G. Wells, William Shakespeare entre outros, tendo recebido o prêmio Jabuti de Melhor Tradução de Língua Francesa, em 2009, e de Melhor Tradução, em 2011. Trabalhou em algumas das mais importantes editoras do Brasil, como a Nova Fronteira, a Editora da Universidade de São Paulo, a Cosac Naify e a Zahar. Atualmente é editor de Literatura Brasileira na Record. Doutor pela Universidade de São Paulo em Teoria Literária e Literatura Comparada. Mora em São Paulo.



EccoS: Poderia fazer uma síntese de sua trajetória profissional?

Rodrigo Lacerda: É difícil! Eu sou uma pessoa que não conseguiu escolher entre ser escritor, tradutor ou editor. Embora já tenha tido conflitos em relação a isso, hoje em dia gosto de trabalhar nessas três linhas. Ao contrário de tantos colegas escritores que, para ganhar a vida, são também ótimos jornalistas, cronistas, professores, publicitários e roteiristas, eu nunca saí do mundo do livro.

Comecei como editor, aos 18/19 anos, na antiga Nova Fronteira, no Rio de Janeiro. Vim morar em São Paulo aos 21 anos, e aqui, enquanto ainda terminava a faculdade, publiquei a minha primeira tradução (que hoje em dia eu renego), de *O médico e o monstro*, do Robert Louis Stevenson. Aqui também, aos 26, publiquei meu primeiro livro, *O mistério do leão rampante*. Então as três linhas de atuação estavam colocadas desde cedo, e se superpuseram na minha vida.

Acho que venho equilibrando razoavelmente bem esse tripé. Se digo “razoavelmente bem”, acredite, não é falsa modéstia. Nunca tive um sucesso arrasador em nenhuma dessas profissões (o que eu já quis muito), e minha especialidade secreta é a autocrítica. Mas, como tradutor, ganhei dois prêmios Jabuti, indo de Dumas a Shakespeare, passando por Faulkner e Raymond Carver. Como editor, sempre trabalhei em ótimos momentos de ótimas editoras, muito variadas entre si – Nova Fronteira, Nova Aguilar, Edusp, CosacNaify, Zahar e Record –, e tive oportunidades raras na carreira de qualquer editor – para ficar no campo da literatura brasileira, coordenei uma edição da *Obra Completa do Machado de Assis* (seis mil páginas em quatro volumes); recoloquei em circulação a obra do João Antônio, sobre quem escrevi um doutorado (mas nem assim migrei para a docência); e hoje cuido da obra de alguns dos nossos clássicos modernos, como Drummond, Graciliano, Adélia Prado, entre outros.

Como escritor, tenho alguns livros publicados no exterior e ganhei alguns prêmios dos quais me orgulho bastante. Meio que acidentalmente, minha obra como escritor se divide em uma obra “adulta” e uma “juvenil”. Digo isso entre aspas, porque essas barreiras são tão variáveis quanto a cabeça dos leitores. Gosto muito dos meus livros juvenis; me divirto com eles e fico feliz de ver que os jovens se divertem também, o que posso constatar nas visitas que sempre faço às escolas. Minha obra “adulta” se divide em romances, contos e livros não publicados de aforismos e poemas.

Importante dizer que, para se ter uma ideia fiel da minha trajetória, é preciso perceber como essas três carreiras se complementam. Temas de que não trato na ficção aparecem nos livros

que publico, ou nos que traduzo, e estes livros ainda podem, no sentido inverso, inspirar minha ficção.

EccoS: Como avalia as relações entre Educação, em sentido amplo, e a Literatura?

Rodrigo Lacerda: No plano ideal, eu diria que as duas coisas são uma só. Não se educa ninguém apenas transmitindo o conteúdo específico deste ou daquela área de conhecimento. A educação do intelecto não se completa sem a educação do espírito. Ela precisa ser complementada pelo sentimento de humanidade compartilhada, por um equilíbrio saudável entre os imperativos individuais e os coletivos, pela sabedoria para enfrentar os dilemas éticos que todos vivemos, pela familiaridade com as questões existenciais que todos carregamos. A literatura e as artes em geral são um ótimo caminho para se transmitir este outro tipo de conteúdo.

No momento histórico que vivemos, a educação é um campo complicado para a literatura. A principal função da literatura, para mim, é questionar o leitor, obrigá-lo a se pensar a partir da história que lê, a mexer fundo nos seus sentimentos ou nos seus alicerces intelectuais, é fazê-lo se projetar em cenários onde as forças e as fraquezas da natureza humana se manifestam, para que ele se imagine nesta ou naquela situação e pense sobre como lidaria com ela. Se a educação tradicional e a religiosa sempre tiveram seus embates com a literatura, agora a literatura sofre uma pressão que vem do outro lado, do lado progressista da sociedade, que às vezes julga e “cancela” um autor ou uma obra, a meu ver, com um pensamento reducionista, ou anacrônico. Eu me graduei em história, então o esforço de não projetar valores da minha época nos autores do passado é automático em mim. No Brasil super polarizado em que vivemos, acaba-se confundindo demais personagem, narrador e autor, de um lado, e valor literário e proselitismo programático, de outro. A subordinação do espaço literário às demandas sociológicas e políticas da época me parece limitar o poder da literatura, e não expandi-lo. Isso, claro, não quer dizer que eu não aplauda o surgimento de vozes antes ausentes do meio literário. Apenas não faço de nenhum ideário político, de nenhuma visão da sociedade, o critério único, ou mesmo o principal, de avaliação de um livro.

EccoS: Você possui um vasto conjunto de obras literárias. Aliás, que se destaca entre outras coisas, pela pluralidade de temas. Poderia explicar como se dá o seu processo criativo?

Rodrigo Lacerda: Eu acrescentaria à variedade de temas também a de linguagens, de vozes narrativas. Pois é, acho que há escritores que já nascem com uma voz pronta, outro que chegam à sua voz no meio do caminho, e aí se mantêm nela, e há escritores como eu, que, para cada história, para cada livro, sentem necessidade de encontrar uma voz narrativa nova. Como se a história, no fundo, escolhesse como gostaria de ser contada. Não sei se isso é bom, muitos dizem que não é, e certamente dificulta a fidelização do leitor, pois cada livro fica muito diferente do anterior. Eu, como todo mundo, às vezes também gosto de saber o que vou encontrar no livro que estou comprando. Mas a verdade é que não controlo isso.

Da mesma forma, o processo criativo de cada livro é diferente. Uns se derramam no papel, outros pingam nas páginas lentamente. Uns exigem muita pesquisa, outros, nenhuma. O romance em que estou trabalhando, sem que eu tivesse programado algo assim, entrou num circuito de leituras de amigos, e está recebendo aportes externos como nenhum outro até hoje. E, claro, é na forma como impacta minha rotina de trabalho como escritor que as profissões paralelas, sobretudo a de editor, mais cotidiana, cobram seu preço. O dia só tem 24hs, e a gente não tem só trabalho na vida, tem mulher, filhos, amigos. Então o tempo de trabalho na ficção é mais curto do que eu gostaria e preciso sacrificar muito meus fins de semana, meus feriados, minhas férias, todo meu tempo “livre”. Mas eu faço o sacrifício com prazer e, nos raros dias em que não tenho nada para escrever, não sei o que fazer com o tempo que sobra.

EccoS: Pela leitura que pudemos fazer de diversos livros seus existe um nível de informação e pesquisas incomuns que você, em diversas obras, desenvolve. Como se dá isso? Em outras palavras: os dois processos de escrita e de busca se dão ao mesmo tempo?

Rodrigo Lacerda: No momento inicial, acho que a pesquisa prevalece. Eu já vou tentando escrever alguma coisa em paralelo, porque não me aguento parado e porque preciso ir testando qual voz narrativa funciona para aquela história, mas nos livros que exigem muita pesquisa é difícil ir adiante antes de dominar minimamente o universo de informações que o texto precisa articular.

Quando a pesquisa atinge um ponto em que eu já me sinto mais confortável no assunto, a escrita dá um primeiro arranco bom. É um segundo momento, de equilíbrio entre escrita e pesquisa. A pesquisa ainda continua, agora mais pontual, e a escrita pode começar de fato.

Por fim, quando as informações essenciais da pesquisa já estão colocadas no texto, e a amarração das informações já está feita, aí a ficção toma conta, e passo a me preocupar sobretudo com os aspectos estritamente literários e narrativos – o uso da linguagem, a música das frases, a psicologia dos personagens, a tensão das cenas, a curva dramática do conjunto.

EccoS: A boa e velha pergunta: quando decidiu de coração e alma que seria um escritor? Em tal sentido, houve uma influência importante por parte das escolas que frequentou ao longo de sua vida?

Rodrigo Lacerda: Foi quando publiquei meu primeiro livro, aos 26 anos, em 1995. *O mistério do leão rampante* ganhou dois prêmios, entre eles o Jabuti de autor estreante, e teve uma breve apresentação do meu grande ídolo literário, o João Ubaldo Ribeiro. Tenho muitos outros ídolos, mas ele acabou se tornando o maior porque foi aquele com quem tive a oportunidade de conviver um pouco, e por sua postura ética em relação à profissão de escritor, de extrema dedicação, de erudição e humildade, que muitos dos meus outros ídolos não tiveram. Curiosamente, descobrir que eu queria ser escritor marcou o momento em que ganhar a vida como editor ficou mais difícil. Que escritor não gostaria de viver apenas de e para sua literatura? Ainda mais aos 26 anos... Sofri até encontrar o relativo equilíbrio que tenho hoje entre as duas carreiras.

Os tempos de escola tiveram influência, sem dúvida. Uma saudosa professora de português me fez ler “Um certo capitão Rodrigo” e “Ana Terra”, e acabei devorando *O tempo e o vento*, do Érico Veríssimo, do começo ao fim. Na universidade, tive também grandes professores. Mas, como minha mãe era diretora de escola e meu pai era editor, os livros sempre estiveram muito presentes na minha casa, de modo que tudo conspirou para eu não ser o biólogo marinho que hoje eu gostaria de ter sido.

EccoS: Fale-nos um pouco de professores que, de fato, marcaram a sua vida. Por quais razões?

Rodrigo Lacerda: Bem, que realmente tenham marcado a minha vida, em todos os níveis, foram dois. Um deles, Antônio Carlos do Amaral Azevedo, era um professor de história aposentado, que havia sido professor dos meus pais, e que me contratou como pesquisador para trabalhar com ele em um *Dicionário de nomes, termos e instituições históricas*. Não havia internet na época, eu tinha dezessete anos, ele mais de setenta, de modo que era eu quem ia nas bibliotecas copiar o material para os verbetes que ele redigiria. Além do cuidado em transmitir a informação de maneira precisa, da abertura para as novas interpretações sobre este

ou aquele fato do passado, este professor era um grande historiador do cotidiano, que me fez enxergar os mecanismos comuns entre as pessoas de hoje e as do passado. Nos grandes planos – político, econômico, filosófico, religioso – as diferenças são gritantes, mas, no cotidiano, vale a pena reparar nas semelhanças, nas dinâmicas comuns. Para o jovem graduando que muitas vezes achava que fazer história era como regar uma planta de plástico, foi vital entender que a planta era viva e tinha sentimentos parecidos com os meus.

A outra foi a Barbara Heliodora, a grande professora e crítica de teatro, e grande tradutora de Shakespeare. Durante dois anos, mais ou menos dos 19 aos 21, frequentei um grupo de leitura das peças de Shakespeare em sua casa. Ficamos muito amigos, novamente a despeito da diferença de idade, pois ela também era de uma geração acima da dos meus pais. O impacto de Shakespeare em mim é completo, e muito graças à maneira inteligente e nada pedante com que ela o apresentava aos membros do grupo. Ele mudou minhas visões ética, filosófica, política, e refez minha compreensão da humanidade e da psicologia individual de homens e mulheres. Acoplado a Freud – faço psicanálise desde os onze anos e acho que ela deveria vir misturada na água da torneira, que nem flúor –, Shakespeare foi, durante toda a primeira parte da minha vida, o grande decodificador do mistério humano.

EccoS: O que mais o atraiu para ter se lançado à sua bela tradução de *Rei Lear* de Shakespeare? Diga-se de passagem que a publicação, bilíngue, ficou excelente! Em todos os sentidos.

Rodrigo Lacerda: No plano imediato, o que me fez embarcar nesta tradução foram duas razões circunstanciais: eu estava empacado no início do meu romance, este que estou tentando finalizar agora, e então veio a pandemia. Comecei a tradução em setembro de 2020, quando já estava trancado em casa desde fevereiro. Recebi um convite para dar um curso sobre *Rei Lear* e, como estava sem nada para fazer, ou não conseguia avançar no que tinha para ser feito, aceitei. Ao gravar as aulas, vi que tinha ideias próprias sobre como esta ou aquela passagem deveriam ser traduzidas, para que coubessem na boca dos atores, sem deixarem de ser fiéis ao original. Foi assim que começou.

Em um plano mais profundo, que só enxerguei em retrospectiva, creio que a peça expressava bem a realidade daquele momento. Trump e Bolsonaro presidentes, ou seja, como na peça, a cabeça do corpo coletivo se desvirtuara, dominada por uma forma violenta de poder, que subjugava os interesses coletivos aos individuais de maneira perversa, por exemplo negando a gravidade da pandemia por cálculos políticos que visavam beneficiar apenas a eles mesmos. Além disso, naquele ano, grandes incêndios consumiram o Pantanal, a Califórnia e Portugal

(que eu me lembre), e parecia claro que a natureza estava se revoltando contra a humanidade, e que, como na famosa cena da tempestade, ela parecia se vingar dos nossos erros.

EccoS: Mais uma boa e velha pergunta: como está a movimentação de livros, no geral, se considerarmos uma escala, digamos, mundial?

Rodrigo Lacerda: Embora seja editor, não sou um estudioso do mercado editorial, então minha opinião é apenas isso, uma opinião. A meu ver, a circulação de livros vai bem. O mercado editorial está em um bom momento, apesar das guerras e das crises. Os livros ganharam novas formas de circular, como as redes sociais e as lojas virtuais, e isso foi positivo. Mas também é às vezes um pouco excessivo, seja porque a concorrência com as livrarias de rua pode se tornar muito desleal ou porque um grande número de seguidores não faz um bom escritor.

Outro problema a que a circulação dos livros via redes sociais pode acarretar é a subdivisão da literatura em nichos muito estanques, bolhas, nas quais quem lê isto não lê aquilo, quem lê este tipo de autor não lê aquele outro. Eu, com a minha formação sempre meio caótica (ou humanista, ou passadista, chamem como quiserem), reajo mal a isso. Sempre quero me manter aberto aos grandes textos, venham eles de onde vierem.